

## ■ Totalidades

Micael Hardt e Toni Negri

Quando Lukács afirmou que apenas "a totalidade era a verdade", e quando Adorno inverteu esta afirmação ao dizer que "o todo é falso", é provável que, apesar do aparente conflito, eles não estivessem divergindo tanto assim. Para Lukács, no período imediatamente após a Revolução Russa de 1917, a verdade consistia na totalidade do processo revolucionário, que transformava tudo, porque neste processo tudo podia ser redimido. Para Adorno, por outro lado, na grande calmaria que precedeu 1968, a totalidade significava a dominação imperialista somada à sua imagem espelhada: a dominação socialista. Esta era uma totalidade unidimensional, que reduzia e enfraquecia a humanidade - uma totalidade falsificada em si mesma e para si mesma. No entanto, será que Adorno também não aceitou a totalidade como uma categoria de compreensão filosófica, quando a totalidade podia ser redimida? Será que sua negatividade utópica não almejava justamente a redenção?

Para evitarmos tais disputas, que na verdade não têm a ver com a totalidade, mas com a redenção, um conceito aceito apenas por aqueles que (ao contrário de nós) têm fé, preferimos falar de totalidade em dois sentidos diferentes. De um lado, na verdade, há a totalidade do direito e do Estado, uma tendência à afirmação de um direito imperial e a uma nova soberania que se estende pelo conjunto global das relações sociais, econômicas, jurídicas e políticas de nosso planeta. De outro, no entanto, ao mesmo tempo, no mesmo espaço lógico, há a insurgência contra este direito e contra esta nova autoridade imperial. A totalidade contra a totalidade, portanto, se mantém numa oposição metodológica.

O cientista político considera a primeira totalidade como seu campo de estudo. Analisa as formas de poder e as tendências de sua evolução, considera a obediência à autoridade como sendo o objetivo e pergunta de que forma ela pode ser produzida e garantida. O cientista político investiga como a obediência pode ser organizada de modo a assegurar a produção do bem-estar e a reprodução do poder. Tal como os "pais fundadores" dos Estados Unidos e os autores da Carta Federalista queriam, a ciência política se mistura à ciência da Constituição, concebida como o conjunto de regras que investe a totalidade das práticas sociais

e constrói o espaço político adequado para a reprodução do sistema. A ciência política (juntamente com a ciência constitucional) é uma ciência dogmática, na medida em que ela considera o poder como uma totalidade, exercendo dentro desta totalidade suas extraordinárias capacidades de organizar e prever o futuro.

Chamamos o outro ponto de vista de "ciência insurgente". Esta também concebe a totalidade como seu objeto de estudo, mas este objeto total não é o poder, e sim aquilo que Spinoza chamou de "o absoluto democrático". A ciência insurgente também é uma ciência dogmática, mesmo que de outra forma. Ela considera a desobediência e a rebelião como seus únicos objetos; a sabotagem e a destruição como formas de conhecimento; a recusa e a insubordinação como seu campo positivo. Ela é a ciência dogmática do desejo, e portanto é decididamente antidualética. Os nomes das coisas que ela indica são comuns, ontologicamente constituídos e movidos pelas paixões. Ela é rigorosamente antitranscendental e antiteleológica: a totalidade que ela constrói é aberta, tão aberta como o mundo das possibilidades, o mundo das potencialidades. A crítica, desta forma, funciona como uma arma de desconstrução prática da totalidade inimiga e da articulação de um projeto no desejo de libertação. Isto também lembra os autores da proposta federalista, porque tal como eles ela supõe uma "nova ciência da política" num nível adequado ao iluminismo pós-moderno ou de qualquer forma num nível adequado aos novos antagonismos da globalização. É isto que testemunha a superioridade da "ciência insurgente" com respeito à "ciência normal" da política, porque a primeira se encontra em processo, e a segunda, no comando, a primeira, no poder a ser constituído, a segunda, no poder constituído. A ciência normal é portanto constrangida a seguir os passos da ciência insurgente porque apenas ela é capaz de descobrir, nomear e ativar o novo mundo. *As duas totalidades*, portanto, não são apenas opostas, mas assimétricas, não apenas assimétricas, mas atópicas - ou seja, elas constroem lugares diferentes. Enquanto a ciência normal da política opera no terreno da transcendência, a ciência insurgente está desde o começo situada no terreno da imanência. Aqui se produz concretamente aquela totalidade que tanto Lukács quanto Adorno visualizaram como uma utopia positiva, uma redenção imanente.

Tradução **Eliana Aguiar**